

*Conceitualização e  
textualização no  
manuscrito de  
“A linguagem e a  
experiência humana”  
de Émile Benveniste*

*Uma contribuição à genética da  
escritura em ciências humanas<sup>1</sup>*

Irène Fenoglio / Institute de textes et manuscrits modernes (ITEM/CNRS)  
Tradução Ana Amelia Barros Coelho

Os acervos de arquivos no campo da linguística não foram objeto, até o presente, de nenhuma exploração sistemática. Há somente incursões em acervos específicos, como o de Saussure, ou algumas pesquisas feitas em função da necessidade de um ou outro pesquisador. A equipe “Génétique du texte et théories linguistiques” [Genética do texto e teorias linguísticas] do Institut des Textes et Manuscrits Modernes (ITEM) abre este

1. “Conceptualisation et textualisation dans le manuscrit de “Le langage et l’expérience humaine” d’Émile Benveniste – Une contribution à la génétique de l’écriture en sciences humaines”.

campo e tenta fazer empreender estudos nos diferentes acervos de arquivos e manuscritos de linguistas<sup>2</sup> paralelamente a uma exploração específica do acervo Émile Benveniste da Biblioteca Nacional da França (BnF)<sup>3</sup>. É no âmbito desse trabalho inovador da crítica genética que esta contribuição se encontra.

Não desenvolverei aqui tudo o que poderia ser feito sobre o lugar primordial de Émile Benveniste na linguística contemporânea; indicarei somente o quanto é entusiasmante poder entrar no seu laboratório de trabalho – com seu consentimento antecipado! – já que guardou suas mais ínfimas notas e seus rascunhos e ele mesmo os deixou aos pesquisadores, legando-os à Biblioteca nacional da França. Mas a retribuição deste entusiasmo é uma forte responsabilidade – responsabilidade que se impõe para tornar compreensível o ponto de vista que assumimos em nossa observação.

Parto do princípio que uma noção ou um conceito se elabora no conjunto de uma obra e que uma teoria linguística, supondo-se que ela seja demarcável como tal, não é o produto de um só “texto” por mais fundador que ele possa ser, mas de um trabalho de longo tempo, cuja elaboração e gênese podem ser estudadas no conjunto de um acervo de arquivos e de manuscritos e os textos que dali – de ua maneira ou de outra – surgiram.

Todavia, todo conceito é transmitido pelo seu emprego em textos particulares. Aproximar ao máximo

2. Ver a seção “Ressources en ligne” no site <http://www.item.ens.fr/index.php?id=200861>
3. Émile Benveniste legou o conjunto de seus manuscritos à Biblioteca Nacional em testamento. Ver “Fonds Émile Benveniste” apresentado por Émilie Brunet, seção “Ressources en ligne” do site <http://www.item.ens.fr/index.php?id=200861>

esses textos de sua *geração*, de seu processo de escritura, traz informações singulares, preciosas, na medida em que elas tornam a elaboração escritural dos conceitos, antes de sua estabilização textual, mais precisa.

O acervo Benveniste da BnF é extremamente importante. Seu conteúdo é de grande interesse tanto para a história da linguística como para a compreensão do processo de escritura linguística. Em 2004<sup>4</sup>, a partir do primeiro catálogo estabelecido pela BnF quando do depósito dos papéis de Benveniste, e da observação dos arquivos, pude estabelecer virtualmente uma primeira repartição dos documentos como pertencentes a artigos publicados (essencialmente nos *Problemas de linguística geral*<sup>5</sup>), ou a cursos (na École Pratique des Hautes Études ou Collège de France), ou a arquivos inéditos (notas de cursos feitas por ele mesmo durante sua formação, notas de leitura, correspondência, etc.). O trabalho continua com as descobertas dos raros pesquisadores que trabalham com este acervo.

Paralelamente ao enriquecimento deste acervo, pelo “reconhecimento” de manuscritos e de sua classificação, foi necessário se debruçar sobre os dossiês genéticos que correspondem à escritura de um artigo. Concentrar-me-ei, aqui, no dossiê de arquivos que corresponde

4. Quando depois de numerosas pesquisas eu “caía” enfim na informação adequada: os arquivos de Benveniste se encontram na BnF mas no que se chamava então o “Departamento dos manuscritos orientais”; e quando eu me dirigi ao departamento para consultá-los, uma única pessoa, desde o seu depósito 30 anos antes, consultava os manuscritos: Chloé Laplantine, que preparava sua tese “Émile Benveniste: poétique de la théorie”, hoje defendida (em julho de 2008, na Université Paris 8). O que quer dizer que o acervo permaneceu adormecido durante 30 anos.
5. De agora em diante, para se referir aos dois volumes dos *Problemas de linguística geral*, a autora emprega a sigla PLG, seguido do número do volume (1 ou 2). [N.T.]

ao artigo “A linguagem e a experiência humana”, tentando explicitar a maneira pela qual se constrói, pela escritura, a conceitualização linguística: de que maneira Benveniste pensa e elabora conceitos escrevendo, ruminando, rasurando, retomando, etc. – como a reflexão linguística se articula no discurso que a fixa.

#### A LINGUAGEM E A EXPERIÊNCIA HUMANA<sup>6</sup>

Trata-se de um dos artigos no qual, a meu ver, Benveniste mostra com mais convicção e brio a conjugação, na sua teoria da linguagem, entre a antropologia e a linguística. Como observa Jean-Claude Coquet “... o projeto científico [de Benveniste] está situado, como o de Saussure, no âmbito extenso de uma teoria da linguagem (...) o foco é o mesmo no trabalho de quase todos os linguistas: a linguagem “organizada” ou ainda “normalizada”<sup>7</sup>.

Na perspectiva desse “projeto”, o artigo “A linguagem e a experiência humana” é característico da maneira pela qual Benveniste elabora seu pensamento teórico, em particular a partir de um saber preciso sobre diversas línguas cujos exemplos estão anotados no texto<sup>8</sup>, mas

6. De agora em diante, para nos referirmos ao texto do artigo “Le langage et l’expérience humaine” publicado, nós indicaremos *PLG 2* seguido da página da edição Gallimard (coleção Tel, 1974).

Para a tradução em português, faremos referência à edição dos *PLG 2*, publicado pela Editora Pontes (Campinas, 1989). [N.T.]

7. “le projet scientifique [de Benveniste] est situé, à l’instar de Saussure, dans le cadre très étendu d’une théorie du langage” enquanto que “la cible habituellement visée est commune à presque tous les linguistes: le langage ‘organisé’ ou encore ‘normalisé’”. (COQUET, Jean-Claude. *Phusis et logos. Une phénoménologie du langage*. Paris: PUV, 2007, pp. 121-122).

8. Ver em particular *PLG 2*, pp. 68 e 75.

que são mais numerosos ainda nos rascunhos, como no f° 515 do primeiro rascunho, por exemplo “arabe qataba-yaqtubu”<sup>9</sup>, que não será retomado no artigo.

“A linguagem e a experiência humana”<sup>10</sup>, publicado em setembro de 1965, anuncia claramente o artigo mais tardio (mas o que o segue imediatamente no volume dos *PLG*) e considerado como texto fundador, “O aparelho formal da enunciação”<sup>11</sup>.

#### GÊNESE DE UM ARTIGO EM LINGÜÍSTICA

O presente artigo tem por objetivo dar conta da maneira pela qual se constrói um discurso teórico em linguística.

A genética dos textos considera um texto publicado como “definitivo”, um texto *final*, após uma série de metamorfoses ou uma continuação de simples modificações. O objetivo é observar o processo de escritura para se aproximar, pela análise, do processo de criação pela escritura: criação que pode ser estética, no caso dos textos literários, ou científica, como neste caso. A genética do texto, até agora, se concentrou essencialmente em textos literários. No plano da própria textualização e do substrato linguístico que a torna possível, observada em seu ato, nada mudaria. Mas é possível, no que diz respeito ao gesto processual da escritura discursiva, que as coisas sejam

9. Exemplo gramatical do acabado/inacabado em árabe. Observa-se uma transcrição diferente da utilizada atualmente, na qual o /q/ se reserva à transcrição do /ق/ (qaf) e /k/ ao /ك/ (kaf) de *kataba*.

10. In: *Diogène*. Paris: UNESCO/Gallimard, n° 51, pp. 3-13.

11. Publicado em *Langages* n° 17, 1970.

diferentes. É o que interrogamos aqui, concentrando nossa atenção na escritura pensante: a emergência do pensamento teórico por meio de um trabalho enunciativo. Neste nível, somente a observação genética permite comparar a elaboração escritural de um discurso teórico à de um discurso estético.

A criação científica que aqui está em questão é aquela de uma inovação teórica em linguística por meio da escritura de um artigo, ou seja, a inscrição de um saber destinado à transmissão para uma comunidade científica. A complexidade científica que a escritura do artigo deve esclarecer seria apreendida, explicitada, ou mesmo reduzida ao longo da elaboração escritural? Que *pentimentos*<sup>12</sup> dão provas da dificuldade da *expressão* teórica? No que um linguista geneticista do texto pode contribuir para a compreensão deste processo?

O linguista geneticista enriquece a observação dos manuscritos em uma dimensão específica: ele faz aparecer o espaço da microgênese, em outras palavras, o linguista geneticista pode tomar o tempo de desdobrar conscienciosamente os diferentes estratos enunciativos de uma formulação de pensamento, as diferentes camadas das tentativas antes que seja *inscrito* o enunciado

12. A autora emprega, no original em francês, o substantivo *repentir*, que tem duas acepções principais. A acepção mais corrente equivale a “arrependimento, contrição”. No entanto, em seu texto, a autora explora outro sentido da palavra, ligado a uma técnica das artes plásticas que consiste em esconder um traço desenhado durante a execução de uma pintura ou gravura, por exemplo. Tais traços podem ser descobertos em pinturas ao longo de um processo de análise ou restauro, ou simplesmente com a passagem do tempo os vestígios das mudanças podem se tornar visíveis. A escolha de *pentimento* em português procura filiar-se à segunda acepção da palavra e mantém a comparação da obra de Benveniste ao trabalho de um artista plástico. Por causa do deslocamento semântico que se opera aqui, o termo *pentimento* aparece em itálico. [N.T.]

definitivo; ora, cada camada, cada estrato deposita um certo volume de aluviões, mais ou menos férteis, ao texto final que está por vir. O geneticista coloca em movimento, manipula os aluviões, redensifica, durante a análise, a trajetória enunciativa para medir a espessura que dá suporte ao texto final do artigo, polido, legível, transmissível e transmitido.

#### 1. O DOSSIÊ GENÉTICO QUE CORRESPONDE AO ARTIGO “A LINGUAGEM E A EXPERIÊNCIA HUMANA”

No decorrer do trabalho de formiga que faço no acervo Émile Benveniste da BnF desde 2004, eu tentei reconstituir virtualmente, para cada um dos artigos dos *PLG* um conjunto de arquivos e de rascunhos correspondentes. Estes documentos foram numerados página a página<sup>13</sup> pela BnF em função da classificação inicial que respeita a ordem de empilhamento do depósito e não em ordem cronológica de escritura. Eu reclassifiquei virtualmente (ou seja, não na realidade dos arquivos, mas no meu computador) os papéis e os documentos – distribuídos em diferentes “caixas” e “pastas”. É assim que eu pude constituir os dossiês genéticos que correspondem aos artigos dos *PLG*.

##### 1.1. *HABITUS* DE TRABALHO DE ÉMILE BENVENISTE

Este trabalho (ainda em curso) permite compreender a maneira pela qual Émile Benveniste funciona habi-

13. Deve-se notar que tudo o que chamamos de fólio (*f*), “foliotação” ou “foliotado” diz respeito à classificação arquivística da BnF. Por isso, a sequência dos números de fólio não representa a ordem cronológica de escritura.

tualmente para escrever um artigo, pois, de fato, encontramos sempre os mesmos elementos<sup>14</sup>: notas manuscritas, depois um rascunho manuscrito, às vezes seguido de uma nova cópia manuscrita passada a limpo com instruções de paginação, frequentemente uma datilografia com uma cópia em carbono, às vezes um ou mais conjuntos de provas.

A reiteração de um mesmo encadeamento de elementos manuscritos e de documentos para vários artigos permite imaginar a maneira pela qual Benveniste escrevia seus artigos. Benveniste nunca dispensava suas “notas”, numerosas, em vários repetitivas ou, como mostrarei mais adiante, ruminativas. Sua observação é essencial para a compreensão da elaboração escritural e permite analisar a passagem das notas para o rascunho, que permanece um momento essencial para a textualização teórica.

#### 1. 2. COMPOSIÇÃO DO DOSSIÊ GENÉTICO DE “A LINGUAGEM E A EXPERIÊNCIA HUMANA”

Eis a composição do dossiê relativo ao artigo que estudamos aqui, tal como eu pude reconstituir; os diferentes elementos que o compõem estão distribuídos em dois envelopes diferentes, provindos de duas caixas diferentes (envelope 139 da caixa 46 e envelope 179 da caixa 50):

14. Para mais detalhes ver: “Les notes de travail d’Emile Benveniste: où la pensée théorique naît via son énonciation”. *Langage & Société* 127: *Les carnets des travail*. Paris: MSH, 2009, pp. 25-26.

1 - *Notas*<sup>15</sup> há poucas nesse dossiê, comparando-as a outros<sup>16</sup>.

2 - Um *primeiro rascunho* bem “rascunhado”<sup>17</sup>: [de agora em diante B1]. As primeiras folhas estão numeradas por Benveniste de 1 a 33 e assinadas “E B” na última página (p. 33, f° 535).

3 - Um *rascunho passado a limpo*<sup>18</sup> [de agora em diante B2]. Esse rascunho é numerado por Benveniste da página 1 a 33.

A primeira folha amarela, não numerada mas correspondente à página 1, foi certamente escrita no fim da redação, pois o suporte é o mesmo papel amarelo do fim do artigo (p. 26/f° 88 à p. 33/f° 95). Ora, essa mudança de suporte é puramente material, pois, entre a p. 25/f° 87 e a p. 26/f° 88, uma frase muito longa continua com o mesmo fôlego, intervindo somente uma pausa no momento da rasura do final:

si je raconte ce qui “m’est arrivé”, le passé auquel je [*changement de page*] me réfère n’est défini que par rapport au présent de mon acte de parole, mais l’acte de parole surgit de moi et que personne autre [sic] ne peut parler par ma bouche non plus que voir par mes yeux ou éprouver ce que je sens, c’est à moi seul que ce “temps” se rapportera et c’est ma seule expérience qu’il *ordonnera* organisera.<sup>19</sup>

15. Classificação BnF: PAP OR 46, env.139, f° 496 a 503.

16. É possível que encontremos em outro lugar, suas notas serviam a vários projetos de escritura (Cf. Fenoglio, 2009).

17. Classificação BnF: PAP OR 46, env.139, f° 496 e f° 504 a 535.

18. Classificação BnF: PAP OR 50, env. 179, f° 47 a 95.

19. “se eu conto o que “me aconteceu”, o passado ao qual eu [mudança de página] me refiro não é definido senão em relação ao presente do meu ato de fala, mas o ato de fala surge em mim e ninguém outro [sic] não pode falar por minha boca nem mesmo ver pelos meus olhos ou sentir o que eu sinto, é somente a mim que este “tempo” se relacionará e é a minha experiência unicamente que ele *ordenará* organizará.

4 - Cópia em carbono do *datiloscrito* correspondente ao artigo publicado

Pode-se notar que o número de páginas de B1 e de B2 (numeradas por Benveniste) é exatamente idêntico: 33. Porém, como veremos, sete páginas de B1 são reduzidas a um único parágrafo no começo de B2. A partir da p. 13 (f° 515) para B1, p. 5 (f° 67) para B2, e até o final, há, de maneira geral, somente variantes de estilo; ou seja, B2 é uma verdadeira passagem a limpo de B1 com uma letra mais espaçada, maior; temos o mesmo número de páginas apesar da supressão de 7 páginas (à qual retornaremos).

Não utilizaremos aqui a cópia datilografada pois ela não traz nenhuma correção manuscrita: não haveria interesse genético pois o texto que ela traz é idêntico ao segundo rascunho que registra a última versão do texto.

### 1. 3. O PROPÓSITO DO TEXTO FINAL: O ARTIGO

Benveniste procura mostrar nesse artigo como a linguística funda, dá as bases para a experiência humana, ou seja, para a subjetividade.

Em “a linguagem e a experiência humana”, se a palavra “enunciação” não aparece (mas é preciso notar que aparece no primeiro rascunho, em dois momentos, f° 506 e f° 509), em contrapartida, o termo “discurso” é onipresente. O artigo trabalha particularmente a relação estabelecida entre “discurso”, “língua” e “linguagem”.

Além disso, aparece de maneira marcada o termo “subjetividade” que, como sabemos, expõe um prisma específico do pensamento teórico de Benveniste. O avanço científico do artigo consiste em demonstrar que a

experiência humana é tão-somente a experiência da subjetividade que se apóia de maneira decisiva em “duas categorias fundamentais do discurso, aliás necessariamente ligadas, a de pessoa e a de tempo” (PLG 2, p. 68)<sup>20</sup>, categorias que tem, em toda língua, sua expressão linguística estruturada e estruturante.

### 1. 3. 1. Onipresença (onipotência?) do discurso

Nesse artigo, a noção de discurso toma um lugar capital. Podemos listar todas as atribuições que Benveniste lhe dá. Resumindo suas proposições:

- o discurso constitui o espaço de observação para o linguista, no qual se faz ver o funcionamento de categorias universais e estruturantes de toda língua;
- o discurso é lugar de funcionamento do “instrumento linguístico” (pronome pessoal, dêitico, marcadores temporais);
- o discurso atualiza o instrumento linguístico;
- o discurso permite ao instrumento linguístico fundar a experiência humana subjetiva;
- o discurso permite ao instrumento linguístico fundar a subjetividade;
- o discurso é o eixo ordenador da língua;
- o discurso instala a temporalidade;
- o tempo do discurso é fator de intersubjetividade;

Nós podemos dizer, para sintetizar a proposta deste artigo, que o discurso é tido como o que presentifica em “pessoa” os pronomes *eu* e *tu*, em outras palavras, o discurso dá o caráter de acontecimento a todo enunciado, fazendo ao mesmo tempo existir um tempo subjetivado; desta forma, somente ele torna possível a atualização da linguagem humana.

20. “deux catégories fondamentales, d’ailleurs conjointes nécessairement, celle de la personne et celle du temps” (PLG 2, p. 67).

### 1. 3. 2. *A subjetividade = a intersubjetividade*

No entanto, “a possibilidade mesma do discurso” é determinada pela “experiência central”, “experiência essencial” da intersubjetividade “que não se concebe poder faltar a uma língua”<sup>21</sup>: desde que o pronome *eu* aparece num enunciado, evocando – explicitamente ou não – o pronome *tu* para se opor conjuntamente a *ele*, uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico que a funda (*PLG 2*, p. 69)<sup>22</sup>.

A expressão do tempo “compatível com todos os tipos de estruturas linguísticas” é o elemento mais rico da experiência subjetiva, mas o mais difícil de enquadrar numa forma linguística, haja vista “as ilusões do “bom senso”, as armadilhas do psicologismo” (*PLG 2*, p. 70).

Abandonemos a leitura do artigo para entrar no espaço anterior de sua escritura, no seu prototexto elaborativo.

## 2. UMA ESCRITURA RUMINANTE<sup>23</sup>

### 2. 1. NOTAS ESPARSAS

Neste dossiê, as notas preparatórias para a e critura encontradas não são muito numerosas<sup>24</sup>; podemos con-

21. *PLG 2*, p. 69, adaptado.

22. Dès que le pronom *je* apparaît dans un énoncé où il évoque – explicitement ou non – le pronom *tu* pour s’opposer ensemble à il, une expérience humaine s’instaure à neuf et dévoile l’instrument linguistique qui la fonde. (*PLG 2*, p. 68)

23. Eu conservo o termo “ruminação” empregado num artigo anterior, por causa de sua definição: reconsiderar sistematicamente um assunto, por sua perfeita adequação ao que vemos nos manuscritos de Benveniste.

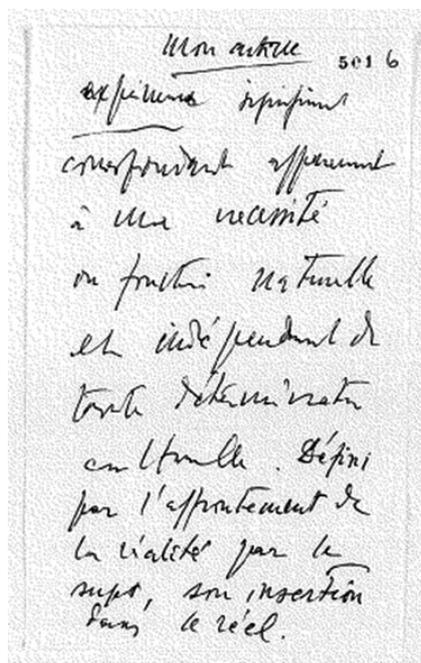
24. Não se exclui que em algum momento de nossas pesquisas encontremos outras, pois as notas podem passar de um dossiê a outro. FENOGLIO, I. *Op. cit.*

tar seis: fólhos 497, 499, 500, 501, 502, 503. Eu deixo de lado aqui as notas feitas no processo de escritura do *incipit* do artigo que vamos ver em detalhe: eu me aterei às notas cujo estatuto é mais pragmático que as notas de entrada na escritura. Ao examiná-las, vemos que em cada uma há, assinalada, de maneira programática, uma dificuldade teórica. Não temos meio algum de saber em que ordem as notas foram escritas; os números que figuram nas fichas não são de Benveniste, mas dos arquivistas, nós podemos somente perceber que os fólhos 502 e 503 se apresentam em suportes semelhantes: pequenas fichas amarelas retangulares (semelhantes aos nossos atuais *post-it*). No entanto, eu considerei que a ficha 503 devia ter sido escrita antes da 502. Podemos perceber também que a nota do f° 500 poderia ser a continuação do f° 499. Nós o examinaremos em 3. 2.

Na nota do f° 501 (abaixo) nós podemos perceber que o termo “experiência” está sublinhado; trata-se de parar numa palavra para se perguntar se ela é realmente aquela que convém. Mas essa interrogação se faz por meio de uma formulação do programa geral do artigo. Essa nota entra na categoria dos “testes de uma noção”, na tipologia que eu elaborei recentemente num artigo<sup>25</sup>.

Percebe-se que o termo “Experiência”, que fará parte do título, foi sublinhado, como o título da nota “Meu artigo”. Assim, o termo torna-se central e se constitui, nessa nota, como expressão apropriada ao projeto do artigo: trata-se da linguagem como experiência humana em toda a profundidade do termo que aqui é colocada em questão.

25. FENOGLIO, I. *Op. cit.*, p. 28.



501<sup>26</sup>

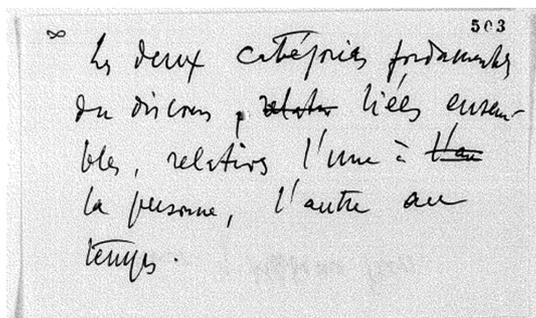
*Mon article expérience* signifiant correspondant à toute détermination culturelle. Défini par l'affrontement de la réalité par le sujet, son insertion dans le réel.

*Meu artigo experiência* significando correspondendo aparentemente a uma necessidade ou função natural e independente de qualquer determinação cultural. Definido pelo confronto da realidade pelo sujeito, sua inserção no real.

Tradução

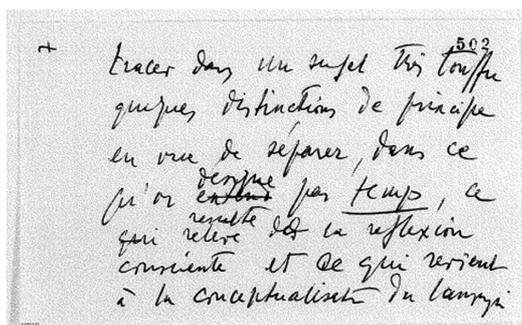
A indicação sublinhada “Meu artigo” mostra claramente que se trata de uma nota preparatória na qual o linguista expõe para si próprio a noção que quer desenvolver. Auto-reflexão ao mesmo tempo epistemológica e metodológica, é somente escrevendo que ele a *pensa*.

26. Para facilitar a edição, e mesmo a leitura, eu decidi, na medida em que tenho a sorte de poder fornecer as imagens dos fragmentos manuscritos, me limitar a uma de transcrição linear e não diplomática que reproduziria tal qual o manuscrito. A transcrição linear adotada é das mais simples: uma *rasura* marca os elementos rasurados no manuscrito, os colchetes <acrécimo> indicam o que foi acrescido ao correr da pluma; o acréscimo se encontra no lugar onde se ele encontra no manuscrito.



503  
Les deux catégories fondamentales du discours, relatifs liées ensemble, relatives l'une à l'autre la personne, l'autre au temps.

As duas categorias fundamentais do discurso, **relati** ligadas juntas, relativas uma a **o** a pessoa, a outra ao tempo.



502  
tracer dans un sujet très touffu quelques distinctions de principe en vue de séparer, dans ce qu'on **entend** désigne par **temps**, ce qui relève résulte de la réflexion consciente et ce qui revient à la conceptualisation du langage

traçar num assunto denso algumas distinções de princípio a fim de separar, no que se **entende** designa por **tempo**, o que depende resulta da reflexão consciente e o que se manifesta na conceitualização da linguagem.

A nota do f° 503 assinala os dois elementos da experiência humana que ele desenvolverá no artigo, e é por essa razão que a considero como tendo sido escrita antes daquela do f° 502 que trata somente do tempo. Ela constitui simultaneamente um “suporte de reflexão” e um “suporte de memória”<sup>27</sup>.

27. Op. cit, p. 27.

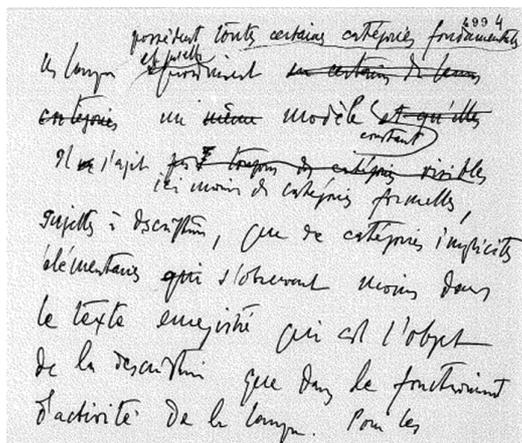


A nota do f° 502 é um “suporte metodológico”<sup>28</sup>. Sabemos que esse programa metodológico será respeitado na escritura do artigo a ponto que a passagem relativa à experiência humana do tempo será muito mais importante que a relativa à experiência intersubjetiva expressa linguisticamente pelos pronomes.

2.2. UM INCIPIT PRECAVIDO

Não menos que seis etapas são necessárias à escritura do começo do artigo:

2. 2. 1. As notas: f° 499, f° 497

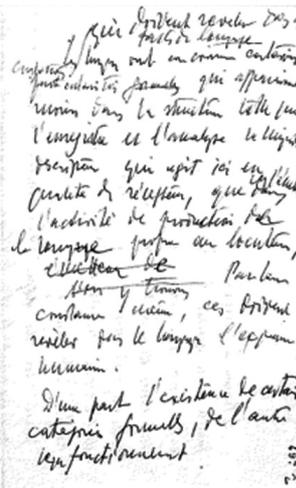
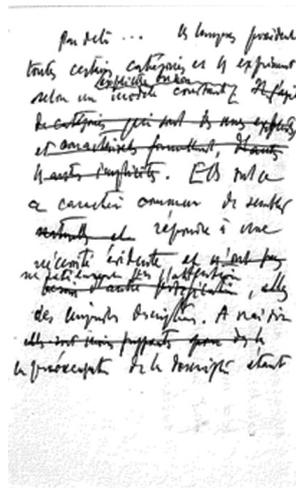


499  
 les langues <possèdent toutes certaines catégories fondamentales et qu'elles> reproduisent en certaines de leurs catégories un même modèle <constant> et qu'elles Il ne s'agit pas toujours des catégories visibles> ici moins des catégories formelles, sujettes à description, que de catégories implicites élémentaires qui s'observent moins dans le texte enregistré qui est l'objet de la description que dans le fonctionnement d'activité de la langue. Pour les

as línguas <possuem todas certas categorias fundamentais e que elas> reproduzem em algumas de suas categorias um mesmo modelo <constante> e que elas Não se trata-se < sempre de categorias visíveis> aqui menos de categorias formais, sujettes à descrição, do que de categorias implícitas elementares que se observam menos no texto registrado que é objeto da descrição do que no funcionamento de atividade da língua. Para as.

28. Op. cit, p. 26.

As duas notas seguintes estão numa mesma folha dobrada ao meio, mas as duas partes aparentemente não foram escritas imediatamente uma depois da outra.



Par delà... les langues possèdent toutes certaines catégories et les expriment selon un modèle constant <explicite ou non>. Il s'agit de catégories qui sont les unes explicites et caractérisées formellement, d'autres les autres implicites. Elles ont ce caractère commun de sembler naturelles et répondre à une nécessité évidente et n'ont pas besoin d'autre justification, telles des linguistes descripteurs. A vrai dire elles sont moins frappantes pour des ta-la préoccupation de la description étant

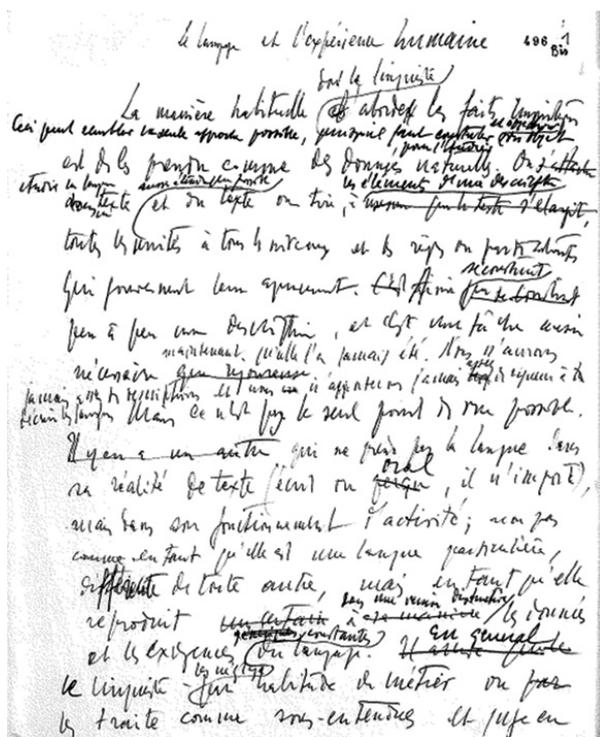
Les langues <qui doivent révéler des faits de langage> ont en commun certaines particularités <contraintes> formelles qui apparaissent moins dans la structure telle que l'enregistre et l'analyse le linguiste descripteur qui agit ici en qualité de récepteur, que [ill.] l'émetteur dans l'activité de production de /e la langage/ ue propre au locuteur, émetteur de Nous y trouvons Par leur constance même, ces doivent révéler dans le langage l'expérience humaine. D'une part l'existence de certaines catégories formelles, de l'autre leur fonctionnement.

Por outro lado... as línguas possuem todas certas categorias e elas as exprimem de acordo com um modelo constante <explícito ou não>. Trata-se de categorias que são umas explícitas e caracterizadas formalmente; outras as outras implícitas. Elas tem essa essa característica comum de parecerem naturais e responder a uma necessidade evidente e não tem chamam a atenção necessidade de uma outra justificção, aquelas dos linguistas descritivos. Na verdade elas são menos surpreendentes para das a a preocupação da descrição sendo

As línguas <que devem revelar os fatos de linguagem> tem em comum certas particularidades <regras> formais que aparecem menos na estrutura tal qual o registra e o analisa o linguista descritivo que age aqui na qualidade de receptor, que [ill.] o emissor na atividade de produção de /e a linguagem/ ua própria ao locutor, emissor de Nós encontramos ali Por sua própria constância, esses devem revelar na linguagem a experiência humana. De um lado a existência de certas categorias formais, de outro o seu funcionamento

2. 2. 2. Os rascunhos: duas versões em B1, f° 496 e f° 498 e um rascunho passado a limpo em B2 f° 62

O fólio 498 abaixo, que eu havia inicialmente organizado entre as notas, parece-me, pela presença do título, entrar já no processo de escritura do artigo. Por outro lado, entre as duas versões de B1, eu estimei que a do f° 496 é anterior à do f° 498, porque o termo “humana” do título é adicionado (em tinta azul, sobre a letra em tinta preta). O f° 498 é mais próximo de B2. Como é possível inferir a seguir:



496

*Le langage et l'expérience <humaine> La manière habituelle <dont le linguiste> d'aborder les faits linguistiques <Ceci peut sembler une seule approche possible, puisqu'il faut constater <et observer> un*

A maneira habitual <pela qual o linguista> de abordar os fatos linguísticos < Esta pode parecer uma única abordagem possível, já que é preciso constatar <e observar> um objeto para

Tradução

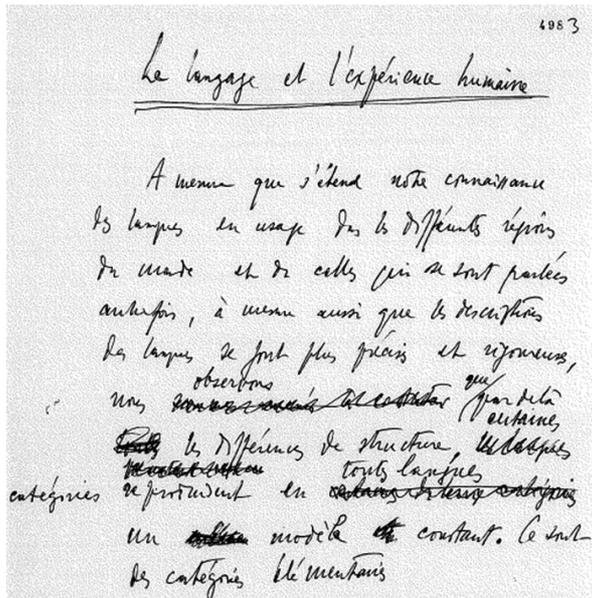
*objet pour l'étudier> est de les prendre comme des données naturelles. On s'attache étudier <la langue> aussi étendu que possible au/dans texte les éléments d'une description*

*et du texte on tire, à mesure que le texte s'étendit <les éléments d'une description> toutes les unités à tous les niveaux et les règles ou particularités qui gouvernent leur agencement. C'est à/ Ainsi que se construit <se construit> peu à peu une description, et c'est une tâche aussi nécessaire que rigoureuse maintenant qu'elle l'a jamais été. Nous n'aurons jamais assez de descriptions et nous ne n'apporterons jamais trop < assez> de rigueur à tr-décrire les langues. Mais ce n'est pas le seul point de vue possible. Il y en a un autre qui ne prend pas la langue dans sa réalité de texte (écrit ou perçu <oral>, il n'importe), mais dans son fonctionnement d'activité; non pas comme en tant qu'elle est une langue particulière, distincte / différente de toute autre, mais en tant qu'elle reproduit un certain à sa manière < dans une version distinctive> les données et les exigences du langage <génériques constantes> H arrive que te <En général> le linguiste les néglige par habitude de métier ou par les traite comme sous-entendus et juge en*

estudá-lo> é de tomá-los como dados naturais. Nós nos concentramos estudamos <a língua> o mais amplamente possível ao/no texto os elementos de uma descrição

e do texto tira-se, à medida que o texto se alarga <os elementos de uma descrição> todas as unidades em todos os níveis e as regras ou particularidades que governam o seu agenciamento. É a/ Assim que se constrói <se constrói> pouco a pouco uma descrição, e é uma tarefa tão necessária quanto rigorosa agora como nunca antes foi. Nós não teremos nunca descrições o suficiente e nós não traremos nunca rigor demais < suficientemente> para tr-descrever as línguas Mas este não é o único ponto de vista possível.

Há um outro que não toma a língua em sua realidade de texto (escrito ou percebido <oral>, pouco importa), mas no seu funcionamento de atividade; não como enquanto é uma língua particular, distinta / ferente de qualquer outra, mas enquanto ela reproduz um certo à sua maneira < numa versão distintiva> os dados e as exigências da linguagem <genéricas constantes> Acontece que o <Em geral> o linguista as negligencia por hábito de profissão ou por as trata como subentendidas e julga em



498

*Le langage et l'expérience humaine*

*A mesure que s'étend notre connaissance des langues en usage dans les différentes régions du monde et de celles qui se sont parlées*

autrefois, à mesure aussi que les descriptions des langues se font plus précises et rigoureuses, nous ~~sommes amenés à constater~~ <observons que> par delà ~~toutes~~ les différences de structure, <certaines catégories> ~~Les~~ langues reproduisent <présentent une cer> en certaines de leurs catégories <toutes langues> un ~~même~~ modèle et constant. Ce sont des catégories élémentaires

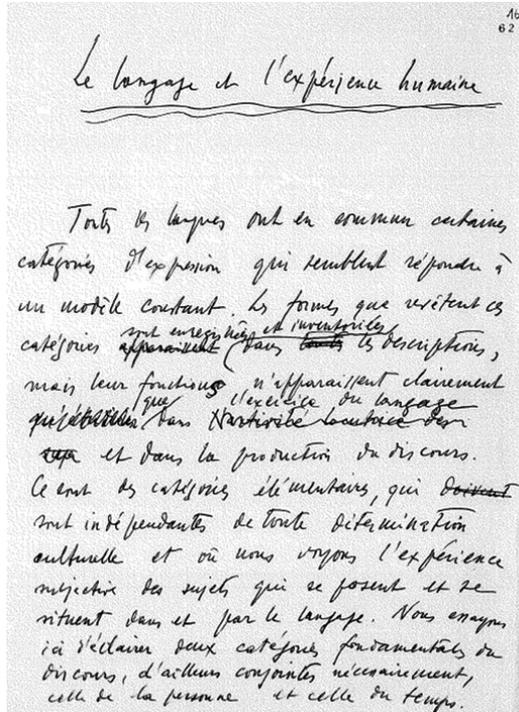
A linguagem e a experiência humana  
À medida que se ampliam os nossos conhecimentos das línguas em uso nas diferentes regiões do mundo e aquelas que são faladas

Outrora, à medida também que as descrições das línguas se fazem mais precisas e rigorosas, nós ~~somos levados a constatar~~ <observamos que> além de ~~todas~~ as diferenças de estrutura, <certas categorias> ~~As línguas~~ reproduzem <apresentam uma cer> em algumas de suas categorias <todas as línguas> um ~~mesmo~~ modelo e constante. São categorias elementares

É visível a olho nu (mesmo sem as cores que indicariam as várias mudanças de caneta, em outras palavras, as retomadas) que o f° 496 é muito mais “rascunho” que o f° 498. Benveniste se esforça para introduzir seu propósito, para *enunciar* sua entrada no assunto. Seria possível dizer que ele não se encontra no assunto. Ele retoma então o trabalho procurando melhorar. O título se estabiliza no f° 498, ou seja, na segunda versão do primeiro rascunho.

A primeira página de B2 (f° 62) foi aparentemente escrita ou reescrita depois que o artigo foi terminado, pois seu suporte é uma folha espessa, amarela, reconhecível como exatamente semelhante àquelas que foram usadas no final de B2, a partir da p. 26 (f° 88). Por isso, é possível que o f° 498 seja uma primeira versão de B2.

Tradução



Le langage et l'expérience humaine

Toutes les langues ont en commun certaines catégories d'expression qui semblent répondre à un modèle constant. Les formes que revêtent ces catégories apparaissent <sont enregistrées et inventoriées> dans toutes les descriptions, mais leur fonction n'apparaît clairement qu'éventuellement <que> dans l'activité locutrice des suj <l'exercice du langage> et dans la production du discours. Ce sont des catégories élémentaires, qui ~~doivent~~ sont indépendantes de toute détermination culturelle et où nous voyons l'expérience subjective des sujets qui se posent et se situent dans et par le langage. Nous essayons ici d'éclairer deux catégories fondamentales du discours, d'ailleurs conjointes nécessairement, celle de la personne et celle du temps.

A linguagem e a experiência humana

Todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que parecem responder a um modelo constante. As formas que revestem essas categorias aparecem <são registradas e inventoriadas> nas todas as descrições, mas a sua função/ões não aparecem claramente senão eventual <que> na a atividade locutora dos suj <o exercício da linguagem> e na produção do discurso. São categorias elementares, que ~~devem~~ são independentes de toda determinação cultural e nas quais vemos a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem. Tentaremos aqui esclarecer as duas categorias fundamentais do discurso, aliás necessariamente ligadas, a de pessoa e a de tempo.

A etapa em que o manuscrito é passado a limpo, B2 (f° 62), é marcada pela presença de frases que se iniciam por construções impessoais “todas as línguas”, “as

formas”, etc. Nesse rascunho que é bem próximo do texto final<sup>29</sup>, o pensamento teórico afirma-se por si próprio e antes de mais nada. O autor linguista que se designa pelo “nós”, em uso naquela época para toda redação científica, intervém somente depois, no interior do âmbito teórico colocado para indicar seu objetivo e seu procedimento: “tentaremos aqui esclarecer” enquanto que na etapa anterior do f° 496 (primeira versão de B1) aparece logo de início: “A maneira pela qual o linguista aborda...”.

Não é raro, no conjunto dos dossiês manuscritos de Benveniste observados, ver o conteúdo de uma nota retomado em vários fólhos: um engajamento ruminativo na escritura. Nesse sentido, Benveniste se expõe no seu fazer e, sem o saber, expõe a ideia que defende, a de que o pensamento não existe previamente ao discurso que o exprime: uma escritura hesitante, repetitiva, pensante, na qual a repetição é a marca ao mesmo tempo da hesitação e da insistência – hesitação para continuar a pesquisar a formulação mais adequada; insistência pois o pensamento abre seu caminho com as palavras.

O procedimento é ao mesmo tempo cumulativo e progressivo. A “ruminação” permite guardar todos os elementos essenciais, retomá-los, fazê-los circular no papel; mas, progressivamente, o conjunto avança em direção a um fio discursivo decantado e ordenado. As notas preparatórias *refletem* os elementos que vão constituir o projeto do discurso teórico do artigo: seu âmbito e sua problemática.

Quando se observa assim de perto a maneira pela qual o *incipit* desse artigo foi produzido, é impressionante perceber que Benveniste parte de uma pesquisa

epistemológica: o olhar do linguista, sua posição, seu ponto de vista, para uma posição de *scriptor* não marcado. Ele não mais *deitiza*<sup>29</sup> a postura do linguista, ele não se designa mais a si mesmo como linguista; ele entra, *como* linguista, no cerne do assunto.

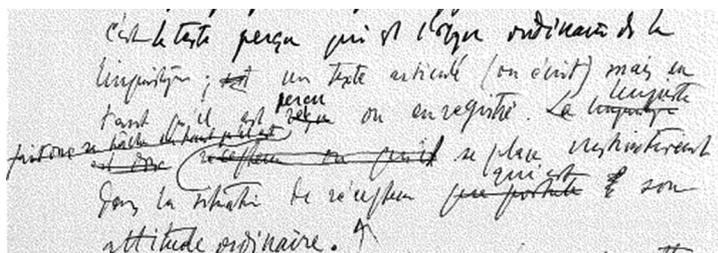
### 3. UMA ESCRITURA PENSAnte: A ELABORAÇÃO CONCEITUAL

Recolher os traços manuscritos e observá-los tem como mérito principal complicar a tarefa do linguista no tocante à descrição enunciativa, mas também e ao mesmo tempo, explicita o processo de *scription*<sup>30</sup>, seu efeito direto no *enunciado*.

Da mesma forma que o sonho só é acessível pelo relato do sonho (sonho e pensamento são de uma materialidade semelhante, específica, instável, inalcançável), a captura do pensamento só se dá pela passagem pelas palavras, pela sua enunciação em enunciado. No domínio do escrito, a escritura no seu fazer inscreve o pensamento que não preexiste a esta inscrição, mas que justamente articula a escritura a fim de tornar-se legível e transmissível. Pois o que é escrever um “artigo” (do latim *articulus*: articulação) científico senão articular conceitos para fazer avançar uma reflexão e articular esta reflexão (este artigo) com outros? Eis o que encontramos no f° 504 de B1:

29. Aqui a autora emprega uma forma verbal derivada do conceito de dêitico, elemento da língua que adquire significado dentro do discurso, por se referir a instâncias do contexto de enunciação (por exemplo: eu, hoje, aqui, etc). *Deitizar* seria, no incipit de Benveniste, marcar sua postura de linguista em seu próprio texto. [N. T.]

30. *Scription* designa o ato pelo qual se fixam significantes gráficos (unidades básicas da escritura, como as letras do alfabeto ou marcas que caracterizam o ato de escritura) sobre um suporte; o termo tem, no âmbito da crítica genética, um sentido mais amplo que *grafia*, forma visual da linguagem escrita. Cf. GRÉSILLON, Almuth. *Éléments de critique génétique*. Paris: PUF, 1994. [N. T.]



*C'est le texte perçu qui est l'objet ordinaire de la linguistique ; c'est un texte articulé (ou écrit) mais en tant qu'il est reçu <perçu> ou enregistré. La linguistique <le linguiste> est donc <fait donc sa tâche en tant qu'il est> récepteur ou qu'il se place instinctivement dans la situation de récepteur que postule <qui est> son attitude ordinaire.*

O texto percebido é o objeto ordinário da linguística; é um texto articulado (ou escrito) mas enquanto recebido <percebido> ou registrado. A linguística <o linguista> é então <faz então sua tarefa em sua condição de> receptor ou ele se coloca instintivamente na situação de receptor que postula <que é> sua atitude ordinária.

É importante observar a presença da palavra “texto”, que, de fato, será em seguida substituída por “discurso”, mais apropriada.

Assim nascem as noções teóricas, assim é a própria escritura que é pensante, por sua rinação ou por sua fulguração, pelo rasurar ou pelo repetir, por todos os *pentimentos* diversos e múltiplos que tecem a textualização e que a habitam, que continuam a habitar o texto teórico final que será transmitido para ser novamente *articulado* a outros pensamentos e reflexões.

O prototexto de “A linguagem e a experiência humana” é de uma grande riqueza, e não poderíamos, no âmbito desta contribuição, abordar todos os elementos que merecem análise. Por essa razão eu escolhi duas focalizações conceituais para as quais poderíamos somente dar alguns exemplos: uma que gira em torno da articulação entre linguagem, língua e discurso e outra que ao mesmo tempo explicita e desenvolve a noção de experiência humana. As duas

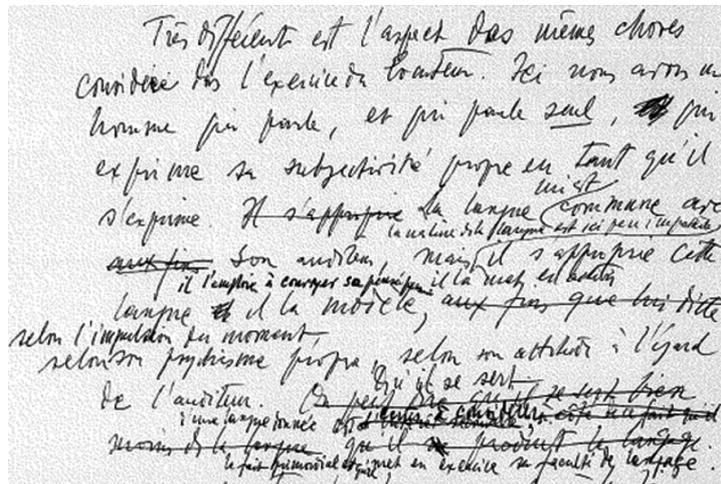
são primordiais no artigo de Benveniste, mas elas são também essenciais para a compreensão de sua obra.

3. 1. LINGUAGEM / LÍNGUA / DISCURSO

3. 1. 1. Instabilidade na distribuição dos termos

Podemos observar numerosas hesitações no emprego de um desses termos. Por isso é importante identificar as retificações que, na maior parte do tempo, são visíveis em rasuras seguidas de uma substituição, não necessariamente dos termos em foco, mas de seu entorno. Trata-se de procurar a articulação discursiva mais adaptada à utilização desses termos.

Neste sentido o f° 505 de B1 é notável:



Très différent est l'aspect de /es mêmes choses considér/ré dans l'exercice du locuteur. Ici nous avons un homme qui parle, et qui parle seul, et qui exprime sa subjectivité propre en tant qu'il s'exprime. Il s'approprie la langue <qui est> commune avec ~~aux fins~~ son auditeur, mais <la matière de la langue est ici peu importante> il s'approprie cette langue et il la modèle, < il l'emploie à convoquer

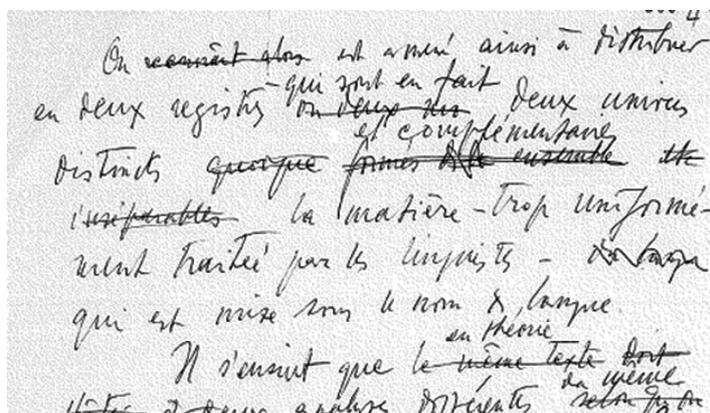
Muito diferente é o aspecto de /as mesmas coisas consider/rada no exercício do locutor. Aqui nós temos um homem que fala, e que fala sozinho, e que exprime sua subjetividade própria enquanto ele se exprime. Ele se apropria a língua <que é> comum com ~~para os fins~~ seu ouvinte, mas <a matéria da língua é aqui pouco importante> ele se apropria dessa língua e a mode-

sa pensée première il la met en action > aux fins que lui dicte < selon l'impulsion du moment, > selon son psychisme propre, selon son attitude à l'égard de l'auditeur. On peut dire qu'il se sert bien moins de la langue qu'il ne produit le langage. < Qu'il se sert d'une langue donnée est d'intérêt secondaire à côté de ce fait qu'il < certes à considérer > le fait primordial est < qu'il > met en exercice sa faculté de langage >

la, < ele a emprega para convocar seu pensamento primeiro e a coloca em ação > para os fins que ele lhe dita < segundo a impulsão do momento, > segundo seu psiquismo próprio, segundo sua atitude em relação ao ouvinte. Pode-se dizer que ele se serve bem menos da língua do que ele produz linguagem. < Que ele se serve de uma língua dada é de interesse secundário ao lado do fato que ele < embora a considerar > o fato primordial é < que ele > coloca em exercício sua faculdade de linguagem >

Quanto às ocorrências de “língua” e “linguagem”, vemos ali tanto a insistência como a confusão, ruminação que será evitada em B2, onde somente o essencial será passado a limpo.

Numerosos exemplos poderiam ser mostrados, assim como a hesitação entre linguagem e língua no f° 506 de B1:



On reconnaît alors est amené ainsi à distribuer en deux registres ou deux univers < qui sont en fait > deux univers distincts quoique formés d'un ensemble inséparables la matière — trop uniformément traitée par les linguistes — de la lang qui est mise sous le nom de langue

Nós reconhecemos então somos levados assim a distribuir em dois registros ou dois univ < que são na verdade > dois universos distintos embora formados de um mesmo inseparáveis a matéria — tratada de maneira uniforme demais pelos linguistas — da ling que é colocada sob o nome de língua

# Tradução

No final do artigo podemos observar tanto a substituição para fins de maior precisão em B1: “linguagem” substituído por “discurso”, a supressão de uma explicação pouco clara (“região, plano distinto”), como a hesitação novamente na última palavra de B1: “a linguagem”, artigo inadequado, a partir da qual podemos pensar que ele antecipava a inscrição de “língua” que não se deu<sup>31</sup>.

B1, f° 535

*Là se reflète < dans la langue > l'expérience d'une réalité, qui est celle d'une < la > relation primordiale entre le parlant et son partenaire dans une subjectivité tour à tour assumée grâce au langage < dans le discours > par l'un et par l'autre et qui crée dans la langue < une région > un plan distinct.*

*En dernière analyse c'est toujours à l'acte de parole < donc/ans au/le procès de l'échange > que renvoient les indices d/l'expérience humaine inscrite dans la langage*

B2, f° 95

*Là se reflète dans la langue l'expérience de ceux qui l'ont d'une relation primordiale < constante, indéfiniment réversible > entre le parlant et son partenaire.*

*En dernière analyse, c'est toujours dans à l'acte de parole dans le procès de l'échange que renvoie l'expérience humaine dans le langage.*

Por aí reflete < na língua > a experiência de uma realidade, ~~que é a de uma~~ <a> relação primordial entre o falante e seu parceiro numa subjetividade a cada vez assumida graças à linguagem <no discurso > por um e pelo outro e que cria na língua <uma região> um plano distinto. / Em última análise é sempre ao ato de fala <então/m ao/o processo de troca> que remetem os índices d/a experiência humana inscrita na linguagem.

Por aí reflete na língua a experiência ~~de~~ ~~que é o~~ de uma relação primordial <constante, indefinidamente reversível> entre o falante e seu parceiro. / Em última análise, é sempre ~~no~~ ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana na linguagem.

### 3. 1. 2. Encontrar o lugar teórico do “discurso”

Sete páginas de B1 são reduzidas a um parágrafo em B2 e no texto final. Essas sete páginas ruminantes (como o f° 505 que nós observamos acima) vão permitir a

31. Em francês, *langue* é de gênero feminino, enquanto que *langage* é um substantivo masculino. No trecho em questão, temos uma inadequação que se apaga ao traduzirmos para o português. [N.T.]



*selon qu'en sont possibles <du même donné linguistique>. Sont <seraient>possibles. En tout cas Sans pousser aussi loin, on peut comprendre que <ce phénomène linguistique,> la phrase, <qui est la vérité <seule réalité> de l'usage linguistique> comme fait linguistique puisse à la fois être considérée comme une donnée et alors analysée comme spécimen <exemple de récurrence> de certaines structures syntaxiques <non dépourvues de redondance et> ou <prise> comme une création chaque fois originale, où témoignage sur celui qui la prononce bien, et manifestation de son du pouvoir <et specimen unique de la variété> illimitée <et imprévisible> d'énonciation qui appartient à tout locuteur <ou qu'elle soit soit vue> sous l'aspect d'une création perpétuelle. Il n'y a donc pas contradiction à la prendre dans l'une ou dans l'autre de interprétation, qui correspondent à l'une/e ou à l'autre face de la fonction linguistique, d'émetrice et réceptrice ensemble*

rentes de acordo com que são possíveis <do mesmo dado linguístico>. São <seriam>possíveis. De qualquer maneira Sem exagero, pode-se compreender que <este fenômeno linguístico,> a frase, <que é a verdade <única realidade> do uso linguístico> como fato linguístico possa ao mesmo tempo ser considerado como um dado é então analisado como amostra <exemplo de recorrência> de certas estruturas sintáticas <não desprovidas de redundância e> ou <tomada> como uma criação a cada vez original, onde testemunha sobre aquele que a pronuncia bem, e a manifestação de seu do poder <e amostra única da variedade> ilimitada <e imprevisível> de enunciação que pertence a todo locutor <ou que ela seja seja vista> sob o aspecto de uma criação perpétua. Por isso não há contradição se a tomarmos por uma ou outra de interpretação, que correspondem a uma/a ou a outra face da função linguística, de emissora e receptora conjuntamente.

A leitura desse manuscrito dispensa qualquer comentário, todavia é preciso observar duas ou três coisas pertinentes:

- a substituição de “texto” por “dado linguístico”; em outras palavras, um avanço em direção a uma noção teórica: o discurso;
- a repetição da palavra “criação” ligada às expressões “variedade ilimitada e imprevisível de enunciação”, o lugar do discurso se desenha entre faculdade de linguagem e língua.

A página 23 de B1, f° 525, especifica o lugar do discurso, não mais somente em relação à “linguagem” e “língua”, mas também em relação a “parole”, no que se desenha como uma teoria da enunciação.

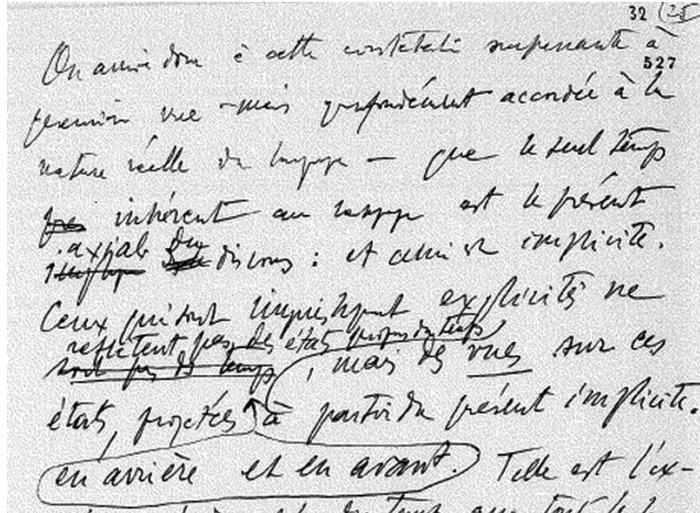
réparés.  
 Le présent linguistique <sup>est le</sup> fonde ~~ment~~ tout le système tem  
 des oppositions temporelles dans la langue. Ce présent qui  
 reste présent tout en se déplaçant avec chaque  
 instance de discours ~~nos~~ crée la ligne de partage  
 entre deux <sup>autres</sup> moments également inhérents à  
 l'exercice du discours ~~de la parole~~: celui <sup>le moment</sup> où le présent  
 tombe dans le passé ~~est sorti du présent~~ et doit être évoqué par  
 la faculté <sup>le rappel mémoriel</sup> ~~mémorielle~~ et celui où l'événement <sup>n'est pas encore présent</sup>  
~~est anticipé~~ et est vu par <sup>anticipation</sup> ~~prospéction~~.

Le présent linguistique <est le> fonde<ment> tout le système tem des oppositions temporelles dans la langue. Ce présent qui reste présent tout en se déplaçant avec chaque instance de discours nos crée la ligne de partage entre deux <autres> moments également inhérents à l'exercice du discours <de la parole>: celui <le moment> où le présent tombe dans le passé <l'événement n'est plus contemporain au discours est sorti du présent> et doit être évoqué par la faculté mémorielle le rappel mémoriel; et celui <le moment> où l'événement <n'est pas encore présent> est anticipé et est doit être <prospéction>

O presente linguístico <é o > funda<mento> todo o sistema tem das oposições temporais na língua. Este presente que permanece presente ao mesmo tempo em que se desloca com cada instância de discurso nos cria a linha de separação entre dois <outros> momentos igualmente inerentes ao exercício do discurso <da fala>: aquele <o momento> em que o presente cai no passado <acontecimento não é mais contemporâneo do discurso saiu do presente> e deve ser evocado por a facultade da memória σ a evocação da memória; e aquele <o momento> no qual o acontecimento <não é ainda presente> é antecipado e é deve ser dos d—e é visto por antecipaçaõ <prospecção>

# Tradução

Um último exemplo no qual o conceito de discurso toma sua função no que concerne o exercício da língua, que podemos observar na página 25 de B1, f° 527:



On arrive à cette constatation surprenante à première vue mais profondément accordée à la nature réelle du langage – que le seul temps *pres* inhérent au langage est le présent *impliqué* de *te* <axial du> discours: et celui est implicite. Ceux qui sont linguistiquement explicités ne sont pas des temps <reflètent pas des états propres du temps>, mais des *vue*s sur ces états, projetés <en arrière et en avant> à partir du présent implicite.

Observar-se-á a constatação surpreendente à primeira vista mais profundamente de acordo com a natureza real da linguagem – que o único tempo *pres* inerente à linguagem é o presente *implicado* em *o* <eixo do> discurso: e é implícito. Quando ele é explicitado linguisticamente não são *tempos* <refletem os estados próprios do tempo>, mas como pontos *vistos* projetados <para trás ou para frente> a partir do presente implícito.

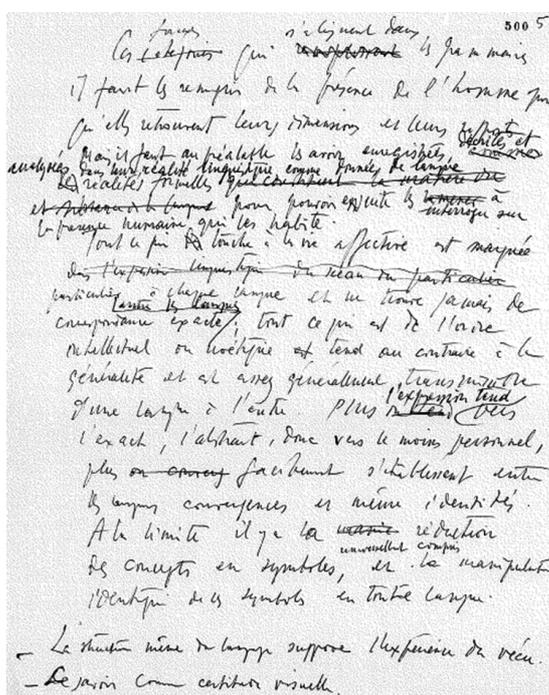
Nós terminaremos lembrando a rasura no final de B1 (f° 535), citada acima, que impõe o embasamento teórico específico do conceito de “discurso” em relação à noção de “linguagem”:

*relação primordial entre o falante e seu parceiro numa subjetividade a cada vez assumida graças à linguagem <no discurso> por um e pelo outro...*

### 3. 2. A NOÇÃO DE “EXPERIÊNCIA”: PREMISSAS DE UMA TEORIA DA ENUNCIÇÃO

Em B1, o f° 500 deve ser considerado como uma nota prévia à redação propriamente dita de B1. É exem-

plar para mostrar a maneira pela qual o ajuste da noção de experiência é difícil e passa pela “presença do homem” e pela “presença humana”, distanciando-se do âmbito das categorias linguísticas com a expressão “vida afetiva”. O termo “experiência” aparece somente no final da página, em uma nota não explícita:



# Tradução

Ces catégories < formes > qui remplissent < s'alignent dans > les grammaires il faut les remplir de la présence de l'homme pour qu'elles retrouvent leurs dimensions et leurs rapports. Mais il faut au préalable les avoir enregistrées comme les réalités formelles qui constituent la matière ou la substance de la langue < décrites et analysées dans leur réalité linguistique comme données de langue > pour pouvoir ensuite les ramener à < les interroger sur > la présence humaine qui les habite.

Tout ce qui les touche à la vie affective est marqué dans l'expression linguistique du sceau du particulier particulier à chaque langue et ne

Estas categorías < formas > que preenchem < se alinham em > as gramáticas é necessário preenchê-las com a presença do homem para que elas encontrem suas dimensões e suas relações. Mas é necessário previamente tê-las registrado como as realidades formais que constituem a matéria ou a substância da língua < descritas e analisadas em sua realidade como dados da língua > para poder em seguida levá-las a < interrogá-las sobre > a presença humana que as habita.

Tudo o que as tange à vida afetiva é marcado na expressão linguística com o selo do particular particular a cada língua e não encontra jamais correspondência exata < entre as línguas > ;

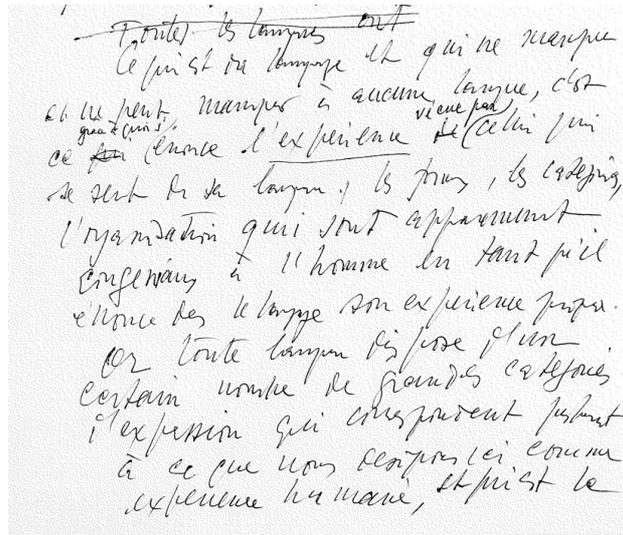
trouve jamais de correspondance exacte <entre les langues> ; tout ce qui est de l'ordre intellectuel ou noétique ~~est~~ tend au contraire à la généralité et est assez généralement transmissible d'une langue à l'autre. Plus ~~on~~ ~~tend~~ <l'expression tend> vers l'exact, l'abstrait, donc vers le moins personnel, plus ~~on~~ ~~converge~~ facilement s'établissent entre les langues convergences ou même identités. A la limite il y a les/a ~~manie~~ réduction des concepts en symboles <universellement compris>, et la manipulation identique de ces symboles en toute langue.

- la structure même du langage suppose l'expérience du vécu
- Le savoir comme certitude visuelle

tudo o que é de ordem intelectual ou noético ~~é~~ tende pelo contrário à generalidade e é geralmente bastante transmissível de uma língua a outra. Mais ~~tendemos~~ <a expressão tende> ao exato, o abstrato, logo ao menos pessoal, mais ~~converge-se~~ facilmente se estabelecem entre as línguas convergências ou mesmo identidades. No limite, há ~~os/a~~ ~~mani~~ redução dos conceitos em símbolos <universalmente compreendidos>, e a manipulação idêntica destes símbolos em qualquer língua.

- a estrutura própria da linguagem supõe experiência do vivido
- O saber como certeza visual

Mas, uma vez na redação de B1, se por um lado o termo “experiência” se impõe, por outro ele não está conceitualmente estável. Assim, no f° 508 (p. 6) o termo repete-se três vezes: ele é colocado em teste, ruminado para encontrar seu lugar próprio; todavia o objetivo continua confuso, mesmo sem rasura.



*Toutes les langues ont  
Ce qui est du langage et ne manque et  
qui ne peut manquer à aucune langue,*

*Todas as línguas tem/  
O que é parte da linguagem e não falta  
nem pode faltar a nenhuma língua,*

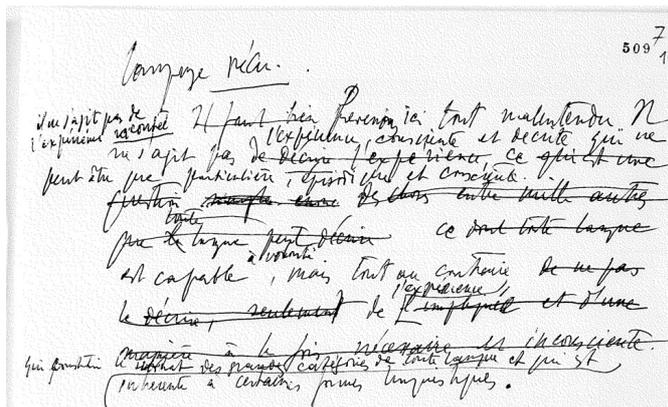
*c'est ce qui <grâce à quoi s'>énonce l'expérience de <vécue par> celui qui se sert de la langue. , les formes, les catégories, l'organisation qui sont apparemment congéniaux à l'homme en tant qu'il énonce ds le langage son expérience propre.*

*Or toute langue dispose d'un certain nombre de grandes catégories d'expression qui correspondent justement à ce que nous désignons ici comme expérience humaine, et qui est le*

é o que <graças ao que se>enuncia a experiência de <vivida por> aquele que se serve da língua., as formas, as categorias, a organização que são aparentemente congêniais ao homem enquanto ele enuncia na linguagem sua experiência própria.

Ora toda língua dispõe de um certo número de grandes categorias de expressão que correspondem justamente ao que nós designamos aqui como experiência humana, e que é a

Vejamos a continuação imediata no fólio seguinte (p.7 de B1)



langage vécu.  
 Il faut bien <Il ne s'agit pas de l'expérience racontée> Prévenons ici tout malentendu. Il ne s'agit pas de décrire l'expérience, <l'expérience, consciente et décrite qui ne peut être que particulière, épisodique consciente> ce qui est une question simple encore des choses entre mille autres que la < toute > langue peut décrire ce dont toute langue est capable < à volonté > mais tout au contraire de ne pas la décrire, seulement de <l'expérience> impliquée et d'une manière à la fois nécessaire et inconsciente. <qui constitue le substrat des grandes catégories de toute langue et qui est> inhérente à certaines formes linguistiques  
 linguagem vivida.

É necessário <Não se trata da experiência contada > Previnamos aqui qualquer mal-entendido. Não se trata de descrever a experiência, < a experiência, consciente e descrita que não pode ser senão particular, episódica consciente > o que é uma questão simples ainda das coisas entre mil outras que a < qualquer > língua pode descrever que da qual qualquer língua é capaz < à vontade > mas pelo contrário de não a descrever, somente de <a experiência> implicada e de uma maneira ao mesmo tempo necessária e inconsciente. <que constitui o substrato das grandes categorias de qualquer língua e qu é> inerente a certas formas linguísticas

Tradução

A redação é laboriosa. Aqui, as rasuras e acréscimos sucessivos permitem à conceitualização abrir seu caminho. Mas há também palavras sublinhadas, como uma marca de um objeto a ser delimitado, diferenciado: linguagem vivida / experiência contada e descrever.

Note-se a busca de uma maneira para falar da experiência que não encontra as palavras: *Il ne s'agit pas de décrire l'expérience [...] mais tout au contraire de ne pas la décrire, seulement de*<sup>32</sup> e que finalmente se inscreve na forma negativa: “ne pas”, “~~ne pas~~”, à qual se soma a negação própria das rasuras.

Depois de todo esse movimento de rasura, acréscimo, retomada, Benveniste retorna à posição de teórico e enuncia uma definição da experiência, definição constituída pelo último acréscimo desse fragmento, que ele insere no que já havia conservado: “l'expérience <qui constitue le substrat des grandes catégories de toute langue ...>”<sup>33</sup>

É notável como nesse fragmento Benveniste recupera o fio enunciativo, a linearidade discursiva, mas trata-se de um procedimento normal em seus rascunhos.

Todos os exemplos precedentes fazem parte do conjunto de sete fólios que não serão retomados em B2, mas reduzidos a um parágrafo. Todavia a passagem de B1 a B2 permanece ainda rica do ponto de vista desta noção. Os numerosos *pentimentos* em B1 (p. 8, f<sup>o</sup> 510) e a passagem de B1 a B2 (p. 2, f<sup>o</sup> 64) mostram ainda a dificuldade em *enunciar* teoricamente a noção de experiência:

32. Não se trata de ~~descrever a experiência~~, (...) mas pelo contrário ~~de não a descrever~~; somente de

33. “a experiência <que constitui o substrato das grandes categorias de qualquer língua...>”

"présence fondamentale de la personne. Dès que  
 le pronom je apparaît dans un énoncé où il  
 évoque - explicitement ou non - tu pour  
 s'opposer (ensemble) à il, une expérience humaine est  
 introduite. ~~La est le fondement de toute expérience~~  
~~verbalisée se fonde devant nous < dévoile devant~~  
~~à nos yeux l'instrument qui la fonde~~. ~~En~~ ~~En~~ ~~Et ici entre la donnée~~  
~~linguistique et sa fonction dans le~~  
~~langage, il y a une distance immense et~~  
~~dérisoire. En > tant que > données~~  
~~linguistiques, les pronoms s'enseignent,~~  
~~on les trouvent consignés dans les~~  
~~grammaires, ils sont là, offerts~~  
~~< disponibles >, comme tous les autres~~  
~~signes de la langue; mais que l'un ou~~  
~~l'autre < des personnes > s'en empare et les~~  
~~convertisse en réalité < son langage > < la~~  
~~forme < pronominal > d'élément d'un~~  
~~paradigme se transforme en une~~  
~~désignation unique en quelque de vécu~~  
~~dans sa subjectivité irréductible, cette~~  
~~appropriation effectue cette~~  
~~appropriation transforme une forme~~  
~~< donnée > linguistique en la réalisation~~  
~~d'une en l'énoncé de la cette donnée~~  
~~linguistique se transforme en l'affirmation~~  
~~d'une est l'instrument qui fonde u < Elle~~  
~~> devient le fondement linguistique de~~  
~~la personne.~~  
 C'est ~~hex~~ la l'expérience essentielle, per-  
 manente, si nécessaire à/qu'on ne conçoit  
 pas de langue qui n'en

[...] Dès que le pronom je apparaît dans  
 un énoncé où il évoque - explicitement  
 ou non - tu pour s'opposer <ensemble> à  
il, une expérience humaine est introduite.  
 Là est le fondement de toute expérience  
 verbalisée se fonde devant nous < dévoile  
 devant à nos yeux l'instrument qui la  
 fonde >. En < En < Et ici entre la donnée  
 linguistique et sa fonction dans le  
 langage, il y a une distance immense et  
 dérisoire. En > tant que > données  
 linguistiques, les pronoms s'enseignent,  
 on les trouvent consignés dans les  
 grammaires, ils sont là, offerts  
 < disponibles >, comme tous les autres  
 signes de la langue; mais que l'un ou  
 l'autre < des personnes > s'en empare et les  
 convertisse en réalité < son langage > < la  
 forme < pronominal > d'élément d'un  
 paradigme se transforme en une  
 désignation unique en quelque de vécu  
 dans sa subjectivité irréductible, cette  
 appropriation effectue cette  
 appropriation transforme une forme  
 < donnée > linguistique en la réalisation  
 d'une en l'énoncé de la cette donnée  
 linguistique se transforme en l'affirmation  
 d'une est l'instrument qui fonde u < Elle  
 > devient le fondement linguistique de  
 la personne.  
 C'est ~~hex~~ la l'expérience essentielle, per-  
 manente, si nécessaire à/qu'on ne conçoit  
 pas de langue qui n'en

[...] Desde que o pronom eu aparece  
 num enunciado no qual ele evoca - ex-  
 plicitamente ou não - tu para se opor  
 <conjuntamente> a ele, uma experiên-  
 cia humana é introduzida. Aqui está o  
 fundamento de toda experiência  
 verbalizada se funda diante de nós <re-  
 vela diante aos nossos olhos o  
 instrumento que a funda >. En < Em < E  
 aqui entre o dado linguístico e sua fun-  
 ção na linguagem, há uma distância  
 imensa e irrisória. En > quanto > da-  
 dos linguísticos, os pronomes se  
 ensinam, encontramos-os consignados  
 nas gramáticas, eles estão ali, ofertados  
 < disponíveis >, como todos os outros  
 signos da língua; mas que um ou ou-  
 tro < das pessoas > as toma e as converte  
 em realidade < sua linguagem > < a  
 forma < pronominal > de elemento de  
 um paradigma se transforma numa de-  
 signação única em algum vivido na sua  
 subjetividade irreduzível, esta apro-  
 priação efetua esta apropriação  
 transforma uma forma < dado >  
 linguístico em f a realização de uma  
 em o enunciado da deste dado  
 linguístico se transforma na afirmação  
 de uma é o instrumento que funda u  
 < Ele > se torna o fundamento  
 linguístico da pessoa.

É a ex a experiência essencial, per-  
 manente, tão necessária a/quê não  
 concebemos língua que não

# Tradução

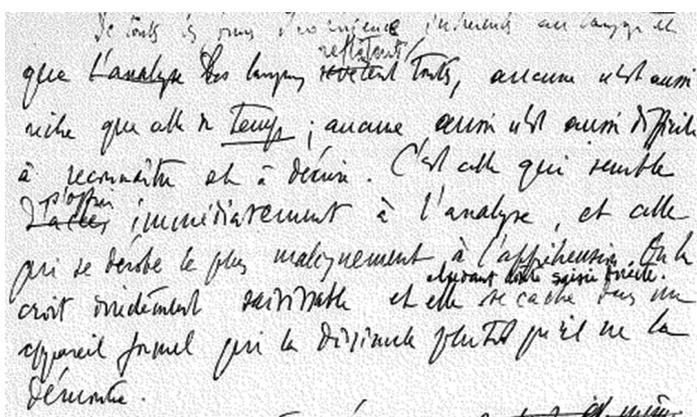
l'unique possible. Dès que le pronom je apparaît dans un énoncé où il évoque – explicitement ou non – le pronom tu pour s'opposer ensemble à il, une expérience humaine s'instaure à neuf et dévoile l'instrument linguistique qui la fonde. On mesure par là la distance à la fois infime et immense entre la donnée et sa fonction. Ces pronoms sont là, consignés et enseignés dans les grammaires offerts comme les ~~tes~~ autres signes ~~dis~~ et également disponibles. Que l'un des hommes les prononce, il les assume, et le pronom je d'élément d'un paradigme est transmué en une désignation unique et produit chaque fois une personne nouvelle. C'est là <sup>l'actualisation d'une</sup> l'expérience essentielle, dont on ne conçoit pas que l'instrument puisse

[...] Dès que le pronom je apparaît dans un énoncé où il évoque – explicitement ou non – le pronom tu pour s'opposer ensemble à il, une expérience humaine s'instaure à neuf et dévoile l'instrument linguistique qui la fonde. On mesure par là la distance à la fois infime et immense entre la donnée et sa fonction. Ces pronoms sont là, consignés et enseignés dans les grammaires offerts comme les ~~tes~~ autres signes ~~dis~~ et également disponibles. Que l'un des hommes les prononce, il les assume, et le pronom je d'élément d'un paradigme est transmué en une désignation unique et produit chaque fois une personne nouvelle. C'est là <sup>l'actualisation d'une</sup> l'expérience essentielle, dont on ne conçoit pas que l'instrument puisse

[...] Desde que o pronome eu aparece num enunciado evocando – explicitamente ou não – o pronome tu para se opor conjuntamente a ele, uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento linguístico que a funda. Mede-se por aí a distância ao mesmo tempo ínfima e imensa entre o dado e sua função. Estes pronomes existem, consignados e ensinados nas gramáticas ofertados como os ~~os~~ outros signos ~~dis~~ e igualmente disponíveis. Quando alguém os pronuncia, este alguém os assume, e o pronome eu, de elemento de um paradigma se transforma em uma designação única e produz a cada vez uma nova pessoa. Esta é <sup>a atualização de uma</sup> a experiência essencial, cujo instrumento não se concebe que possa

Gostaria enfim de mostrar o quanto aquilo que é trabalhado ao longo da *scription* pensante deixa traços na obra. Em B1 (p. 13, f.º 515) aparece, ligada à noção

de experiência, a expressão “aparelho formal”. Será que os editores dos *PLG* (que não consultaram os rascunhos) tiveram o pressentimento da aparição desse termo ao colocar “O aparelho formal da enunciação”, escrito cinco anos depois, imediatamente em seguida a “A linguagem e a experiência humana”?



De toutes les formes d'expérience inhérentes au langage et que l'analyse d/les langues révèlent <reflètent> toutes, aucune n'est aussi riche que celle du temps ; aucune n'est aussi difficile à reconnaître et à décrire. C'est celle qui semble d'accès immédiatement à l'analyse, et celle qui se dérobe le plus malignement à l'appréhension. On la croit directement saisissable et <éludant toute saisie directe> elle se cache dans un appareil formel qui la dissimule plutôt qu'il ne la démontre.

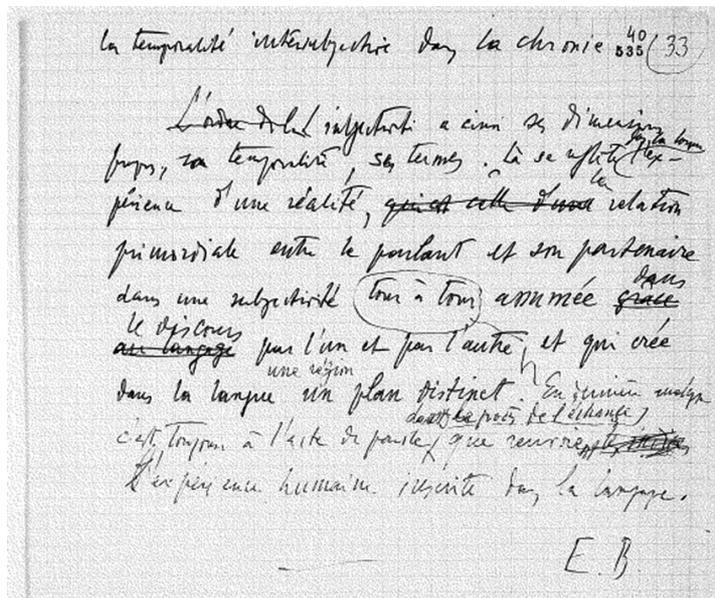
De todas as formas da experiência inerentes à linguagem e que a análise d/ as línguas revelam <refletem> todas, nenhuma é tão rica como a do tempo; nenhuma é tão difícil de reconhecer e de descrever. É a que parece de acesso imediato à análise, e a que escapa mais insidiosamente à apreensão. Acreditamos que ela seja diretamente apreensível e <elucidando toda apreensão direta> ela se esconde num aparelho formal que mais a dissimula do que a demonstra.

## CONCLUSÃO

Nós começamos este percurso com a observação de um começo lento, ruminante, difícil: o *incipit* do artigo foi longamente trabalhado.

Tradução

O fim do artigo é, pelo contrário, “achado” desde B1 (p. 33, f.º 535), provavelmente se trata de um acréscimo numa última releitura do primeiro rascunho (com caneta de cor mais clara), mas a frase final está ali, e até mesmo o parágrafo:



535 (33)

la temporalité intersubjective dans la chronie

*L'ordre de la* L'intersubjectivité a ainsi ses dimensions propres ; ses/a temporalité, sa/es termes. Là se reflète < dans la langue >

*l'expérience d'une réalité, qui est celle d'une <la> relation primordiale entre le parlant et son partenaire dans une subjectivité tour à tour assumée grâce au langage < dans le discours > par l'un et par l'autre et qui crée dans la langue < une région > un plan distinct. En dernière analyse c'est toujours à l'acte de parole < donc/ans au/le procès de l'échange > que renvoient les indices d/l'expérience humaine inscrite dans la langue.*

E. B

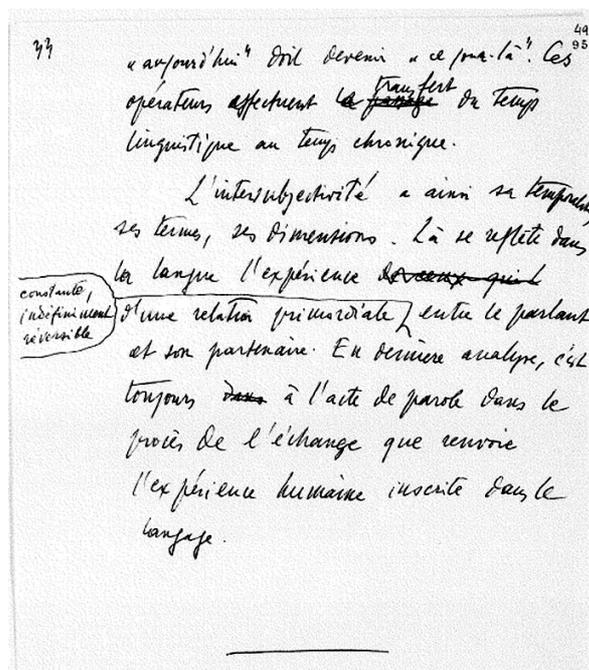
a temporalidade intersubjetiva na cronía

*A ordem da* A intersubjetividade tem assim suas dimensões próprias; suas/a temporalidade, sua/eus termos. Por aí se reflete < na língua >

*a experiência de uma realidade, que é aquela de uma <a> relação primordial entre o falante e seu parceiro numa subjectividade a cada vez assumida graças à linguagem < no discurso > por um e por outro e que cria na língua < uma região > um plano distinto. Em última análise é sempre ao ato de fala < logo/ n o/ o processo de troca > que remetem os índices d/a experiência humana inscrita na linguagem.*

E. B.

Comparemos com o final de B2 (p. 33, f°)



33

„aujourd'hui” doit devenir „ce jour-là”.  
Ces opérateurs effectuent la/e passage  
<transfert> du temps linguistique au  
temps chronique.

L'intersubjectivité a ainsi sa temporalité,  
ses termes, ses dimensions. Là se reflète  
dans la langue l'expérience de ceux qui  
d'une relation primordiale <constante,  
indefinitement réversible> entre le parlant  
et son partenaire. En dernière analyse,  
c'est toujours dans à l'acte de parole dans  
le procès de l'échange que renvoie  
l'expérience humaine dans le langage.

95

“hoje” deve tornar-se “naquele dia”.  
Estes operadores efetuam o/a passa-  
gem <transferência> do tempo  
linguístico ao tempos crônico.

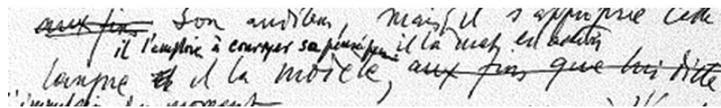
A intersubjetividade tem assim sua  
temporalidade, seus termos, suas di-  
mensões. Por aí se reflete na língua a  
experiência ~~de que~~ de uma relação pri-  
mordial <constante, indefinidamente  
reversível> entre o falante e seu par-  
ceiro. Em última análise, é sempre no  
ao ato de fala no processo de troca que  
remete a experiência humana na lin-  
guagem.

Dessa forma, o *explicit* desse artigo é quase estável desde o primeiro rascunho, apesar dos *pentimentos* analisados acima. Isso significa que Benveniste sabia exatamente para onde ia desde o começo? Ou então sua ruminção da noção de experiência permitiu-lhe o achado, ou seja, o enunciado final? O acréscimo que podemos

Tradução

ler na margem me faz optar pela segunda possibilidade. À palavra “primordial”, que caracteriza a relação “entre o falante e seu parceiro”, adicionou-se “constante” e “indefinidamente reversível” que encontraremos no texto do artigo. Até o fim, o linguista reflete o que vai transmitir e o que vai se inscrever em teoria.

Podemos ver no fac-símile que Benveniste não assina o rascunho que foi passado a limpo (B2), entretanto, ele assina o primeiro rascunho (B1). Por quê? Tentarei uma resposta. B1 é, juntamente com as notas, o lugar de inscrição do pensamento, da escritura que se reflete. Nesse espaço de ruminação, o linguista faz nascer a expressão teórica, nesse espaço de rasuras e de retomadas ele assina sua criação, ele convoca a língua para exprimir seu pensamento. Em B2 ele não faz outra coisa senão “recopiar” B1 melhorando o estilo.



*il s'approprie cette langue et il la modèle, <il l'emploie à convoquer sa pensée première il la met en action>*

ele se apropria da língua e ele a modela, <ele a emprega para convocar seu pensamento primeiro ele a coloca em ação>

Enquanto ele imprime sua assinatura em B1, em B2 ele está atento em mostrar que cumpriu seu programa, o artigo está delimitado no final pelo título e, inicialmente, pela *última palavra*: “a experiência humana inscrita na linguagem”.

É claro que o momento escritural mais importante do dossiê é a passagem das notas ao primeiro rascunho, mas também o primeiro rascunho, na confusão de

seus diferentes estados. De fato, a maior parte dos exemplos de criações conceituais provém de B1. Nesse ponto de vista, a observação dos manuscritos à qual Benveniste ele mesmo nos convida, legando seus papéis à comunidade, nos mostra outra coisa: a atitude teórica não se faz possível sem trabalho, sem erros, sem retornos, sem *pentimentos*. Pelo contrário, não é compatível com a economia da eficiência a todo custo, a busca por uma rentabilidade imediata. Não. A escritura teórica *toma* tempo e impõe o direito à reescritura repetidas vezes.

Na introdução, eu destaquei a importância do acervo Benveniste para a história da linguística e para a compreensão linguística em si mesma, visto que ela atualiza a fabricação conceitual. É preciso notar aqui o quanto a observação do *corpus* científico é pertinente para a compreensão do processo de escritura em geral: o lugar mais rico é aquele no qual a variação é mais representada e mais pertinente. Mas, se por um lado se fala, em geral, nos *corpora* literários, de retomada estilística (para empregar um termo genérico), por outro, no que concerne à escritura científica, a confusão das linhas e das linearidades linguísticas está a serviço da expressão de um *dizer* teórico cujo conteúdo deve poder ser recebido e transmitido – e não de uma narração a ser *lida*. No manuscrito científico, o ajuste estilístico intervém somente depois, ele não é mais conceitual: ele é didático.

A escritura ficcional tem por objetivo amplo transmitir um relato, seja qual for a forma que tome essa “história” e seja qual for o objetivo de sua comunicação. A escritura científica tem por principal objetivo

transmitir um saber: ela se destina, prioritariamente, a construir um saber. Escrever em ciências humanas é pensar para fazer pensar.

Eu desejaria, neste final do percurso, examinar o título do artigo. Como estamos habituados a lê-lo, não temos mais a distância necessária para compreendê-lo e, todavia, o título é de uma profundidade e de uma força que devem ser destacadas.

No momento em que certas pessoas gostariam de nos fazer crer que a linguagem não passa de um instrumento de comunicação e que a comunicação é perfeitamente modalizável e reproduzível de maneira sempre idêntica, é bom poder reler “A linguagem e a experiência humana”, ao menos o *explicit* do artigo cuja gênese acabamos de acompanhar:

A intersubjetividade tem assim sua temporalidade, seus termos, suas dimensões. Por aí se reflete na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre o falante e seu parceiro. Em última análise, é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana na linguagem<sup>34</sup>.

Benveniste nos faz voltar ao fundamento da humanidade: uma relação intersubjetiva que somente toma forma e ato pela linguagem, da qual o humano não pode se furtrar. A faculdade da linguagem toma forma somente na atualização do discurso – sempre

34. (PLG 2, p. 80) L'intersubjectivité a ainsi sa temporalité, ses termes, ses dimensions. Là se reflète, dans la langue l'expérience d'une relation primordiale, constante, indéfiniment réversible, entre le parlant et son partenaire. En dernière analyse, c'est toujours à l'acte de parole dans le procès de l'échange que renvoie l'expérience humaine inscrite dans le langage. (PLG 2, p. 78)

intersubjetivo seja qual for a sua forma –, que se realiza somente na base de estruturas linguísticas repertoriáveis e transmissíveis. A pessoa e o tempo só são observáveis psicologicamente porque a sua experiência como linguagem aconteceu previamente, e não o inverso: eis a força do título de Émile Benveniste “A linguagem e a experiência humana”.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J.-M. *Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan Université, 1999.
- \_\_\_\_\_. “Discours et interdisciplinarité. Benveniste lecteur de Saussure”, *Cahiers Ferdinand de Saussure* 54. Genève: Droz, 2002, pp. 241-258.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*, vol. 1 e 2. Paris: Gallimard, 1966 e 1974.
- BLUMENTHAL, P. “Sciences de l’Homme vs sciences exactes: combinatoire des mots dans la vulgarisation scientifique”. *Revue française de linguistique appliquée* Vol XII-2. “Lexique et écrits scientifiques”. Amsterdam: éd. De Werelt, 2007, pp. 15-28.
- BOCH, F.; GROSSMANN, F. e RINCK, F. *Conformément à nos attentes...: les marqueurs de convergence/divergence dans l’article de linguistique*. *Revue française de linguistique appliquée*, vol. XII-2. “Lexique et écrits scientifiques”, Amsterdam: éd. De Werelt, 2007, pp. 109-122.
- BRUNET, E., *Le Fonds Benveniste de la Bibliothèque nationale de France: rapport d’étape*. BnF, 2007.

COQUET, J.C., *Phusis et logos. Une phénoménologie du langage*. Paris: PUV, 2007.

FENOGLIO, I. "Archives, brouillons, traces, interprétation. 'Pour une méthodologie de la textualisation'". In: POTTIER, J.-M. *Seules les traces font rêver. Enseignement de la littérature et génétique textuelle*. Reims: CRDP Champagne-Ardenne, 2006, pp. 25-39.

\_\_\_\_\_. (org.). *L'écriture et le souci de la langue*. Louvain-la-neuve: Academia-Bruylant, 2007.

\_\_\_\_\_. "Du texte avant le texte. Formes génétiques et marques énonciatives de pré-vision textualisantes". *Langue française* 155, 2007, pp. 8-34.

\_\_\_\_\_. "Observer un manuscrit. Transmettre un 'document de genèse' ". In: CRASSON, A. (org.). *L'édition du manuscrit. Du manuscrit de création au scriptorium électronique*. Louvain-la-neuve: Academia-Bruylant, 2007, pp. 53-64.

\_\_\_\_\_. "Les notes de travail d'Emile Benveniste: où la pensée théorique naît via son énonciation". *Langage & Société* 127: *Les carnets des travail*. Paris: MSH, 2009, pp. 23-49.

\_\_\_\_\_. "Déplier l'écriture pensante pour re-lire l'article publié. Les manuscrits de 'L'appareil formel de l'énonciation' ". In: E. Brunet et R. Mahrer (org.). *Relire Benveniste. Des linguistiques énonciatives*.